

EDITORIAL

A edição 23 da *Contracampo* marca as discussões em torno do debate sobre a **Crítica Cultural**, entendida como uma arena de disputas, cujos debates, por sua vez, são agentes de influência/intervenção nas práticas de leitura, nas ações de significação dos sujeitos diante das obras.

O que se vê refletido pelos textos publicados na seção *Ensaaios Temáticos* é uma teia teórico-analítica que problematiza o papel do campo da crítica, em sua organização e interface com a comunicação, na produção cultural e intelectual. Os ensaios publicados oferecem ainda uma importante perspectiva histórica da formação do campo da crítica cultural no Brasil.

Em seu conjunto, a seção dá conta do debate sobre os papéis exercidos pelos agentes e instituições (intelectuais, produtores culturais e outros, bem como jornais, revistas e publicações diversas) no processo de elaboração de interpretações sobre manifestações estético-políticas.

Para finalizar, a seção apresenta ainda um exercício crítico que se instala na interseção entre a crítica cultural e acadêmica (trata-se do artigo de Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves, em torno da série *Sobras* de Geraldo de Barros).

Se finalizamos a seção *Ensaaios Temáticos* com um exercício crítico sobre uma obra de natureza artística, iniciamos com um texto onde a cultura midiática, e, sobretudo, a formação de críticos midiáticos, está no centro, para afirmar a circularidade desses campos arte e mídia. Afinal, a noção de crítica cultural no contemporâneo não pode deixar de considerar tais correlações e disputas de campos.

Assim, abrimos a seção com o texto de Simone Maria Rocha, *O papel de críticos, produtores e audiência na conformação de uma temática e de seu gênero: em análise o "recasamento" na série televisiva Tudo Novo de Novo*, que focaliza uma série televisiva, para teorizar o papel formador dos críticos midiáticos.

Em seguida, Pedro Plaza Pinto, no texto *Crítica da Crítica: Arte da Existência e Projeção Teórica*, parte da obra do crítico Paulo Emilio Salles Gomes, em especial a partir das suas intervenções da década de 1960, para apontar uma escrita de si que transforma a própria imagem da autoridade reconhecida, problematizando com isso o papel do crítico.

O texto de Arlindo Rebechi Jr, *A crítica cultural do jovem Glauber Rocha no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil: impasses e estratégias adotados na chegada ao Rio de Janeiro*, também aborda uma figura importante do campo do cinema no Brasil, mas

desloca o olhar para sua produção como crítico de jornal, apontando para o papel formador desta atividade para a trajetória do cineasta.

A crítica no veículo jornalístico impresso também é o locus de investigação de Ana Laura Freitas e Cida Golin, em *A crítica jornalística como mediação: um estudo da coluna Os melhores discos clássicos, de Herbert Caro, no Caderno de Sábado do Correio do Povo (1968-1980)*. A tarefa é pensar a crítica jornalística como espaço de mediação e, nesse sentido, as marcas textuais que explicitam as estratégias empreendidas pelo crítico Herbert Caro “para fazer com que a sonoridade erudita descesse da torre de marfim”, como colocam as autoras.

O papel da crítica na definição e consolidação de gêneros narrativos é o foco de interesse de Rafael de Luna Freire em *Descascando o abacaxi carnavalesco da chanchada: a invenção de um gênero cinematográfico nacional*. No artigo, ele delinea, com ampla articulação de fontes históricas, o papel dos críticos como agentes no complexo processo de “generificação” da chanchada.

A presente edição é completada por outros nove *Artigos de Temáticas Diversas*, que giram em torno de questões pertinentes ao campo da comunicação contemporânea que dão conta da diversidade e densidade de abordagens e objetos. Assim, reiterando a multiplicidade, reunimos na seção artigos que refletem o papel da mídia nas eleições presidenciais, a questão das novas sensibilidades auditivas, o jogo interativo possibilitado pelo dispositivo cinematográfico, os estudos de música no cinema, uma abordagem reflexiva sobre adaptação de Shakespeare no cinema silencioso, uma análise de discurso de “Brazil, o filme” a partir da noção de arquivo, a dimensão emotiva na trama noticiosa do caso Tim Lopes, as concepções de montagem no cinema de Aleksandr Sokúrov e, finalizando, a centralidade do desejo no cinema contemporâneo.

Boa leitura a todos.

Mariana Baltar e Marco Antonio Roxo – Editores.